

O Boi e a Pedra, Duas Temporadas de Residência Artística na Casa Fanti Ashanti

Renata Amaral

Resumo

Por duas vezes, em 2009 e 2010, a autora recebeu o Prêmio Interações Estéticas da Funarte para residências artísticas na Casa Fanti Ashanti. Fundada em 1958 pelo babalorixá Euclides Talabyan, a Casa é hoje um dos centros afro-religiosos mais importantes em atividade no Maranhão, cujo intenso calendário de atividades inclui diversas tradições sagradas e profanas, tendo se tornado Ponto de Cultura em 2006. Na primeira temporada, o trabalho com as crianças e adolescentes da Casa resultou no CD Boi de Encantado. A segunda propôs uma viagem ao Benin com o Pai Euclides e algumas pessoas da Casa, na qual foram realizados registros de encontros e celebrações. Recebendo ainda outros apoios e premiações, este material, além de outros registros realizados durante a residência artística e mais o longo acervo pessoal da autora, foi finalizado em diversos produtos: um documentário, uma exposição de fotos e um livro de memórias que trazem um diálogo entre as tradições populares dos dois países. O artigo conta um pouco dessa experiência.

Palavras-chave

Arte. Religiosidade. Música. Educação. Tradições Populares.

Abstract

Twice, in 2009 and 2010, the author was awarded the Funarte Aesthetic Interactions for artistic residencies at the Casa Fanti Ashanti. Founded in 1958 by babalorixá Talabyan Euclides, the Casa Fanti Ashanti is now one of the most important afroreligious centers in activity in Maranhão, Brazil, whose intense schedule of activities includes various sacred and profane traditions, being regarded as a "Ponto de Cultura" in 2006. The first time, the work with children and adolescents in the Casa resulted in the CD Boi de Encantado. In the second, a journey to Benin with the Pai Euclides and some people from the Casa was organized, in which meetings and celebrations were recorded. Due to other awards and support, this material resulted in

several products: a documentary, an exhibition of photographs and a book of memories, which establishes a dialogue between the popular traditions of the two countries. The article tells a little about this experience.

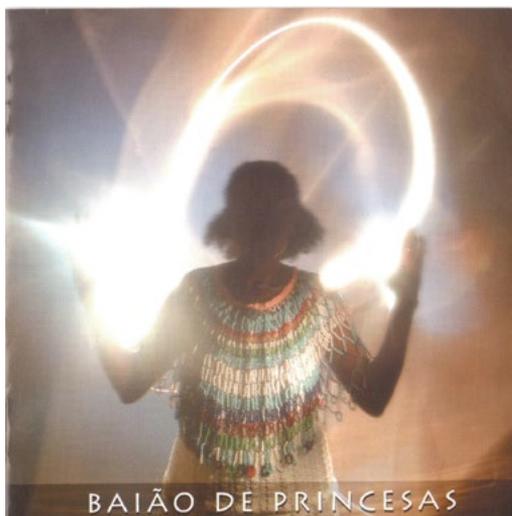
Keywords Art. Afro-Brazilian Religion. Music. Education. Popular Traditions.

O BOI

A Casa Fanti Ashanti, fundada em 1958 pelo babalorixá Euclides Talabyan, é hoje um dos centros afro-religiosos mais importantes em atividade no Maranhão, referência da cultura gêge-nagô no Brasil e tema de inúmeras teses e artigos de pesquisadores de todo o país. Tendo se tornado Ponto de Cultura em 2006, o intenso calendário de atividades da Casa inclui tradições sagradas e profanas como o Tambor de Mina, Candomblé, Pajelança, Baião de Princesas, Samba Angola, Mocambo, Tambor de Crioula, Tambor de Taboca, Canjerê, Bancada, Bumba Meu Boi, Festa do Divino e outras.

Há mais de dez anos, cultivo com a Casa Fanti Ashanti laços profundos de amizade e colaboração que já resultaram em diversos registros em CD e documentários da Casa, além do disco Baião de Princesas, parceria musical da Fanti Ashanti com meu grupo **A Barca**. Todos os anos, desde 1999, acompanho e registro as cerimônias da Casa, em especial no período junino, e por alguns anos também no ciclo natalino, além de outras visitas em épocas diversas, as quais me permitiram conhecer grande parte de seu extenso calendário ritual. No entanto, há muito desejava permanecer um período mais longo em São Luís para conviver mais estreitamente com a comunidade e acompanhar seu cotidiano.

Figura 1: Capa do CD Baião das Princesas



Fonte: Acervo da autora

Essa oportunidade veio em 2009, com o Prêmio Interações Estéticas da Funarte, quando realizei a primeira residência artística no Ponto de Cultura. A possibilidade de permanecer por três meses na comunidade ofereceu um mergulho mais concentrado em sua cultura e na complexa trama de seu universo religioso/mítico e temporal, trazendo um aprofundamento cultural e estético aos outros trabalhos que desenvolvo em diálogo com nossas culturas tradicionais, fundamentando e enriquecendo não só o repertório musical, mas também a reflexão sobre as responsabilidades estéticas e sociais do artista e a função do fazer artístico na formação do indivíduo e na construção de sua identidade e cidadania.

Esse projeto, chamado **Boi de Encantado**, tinha como proposta trabalhar com as crianças e adolescentes da comunidade, reorganizando o grupo de Bumba Boi da Casa. O Bumba Boi Garotos do Cruzeiro, criado em 1953 a pedido do encantado Corre Beirada, o qual se manifesta em Pai Euclides, é anterior ainda à fundação da Casa Fanti Ashanti, mas passou vários anos da última década sem ser realizado pelas dificuldades de custear a manutenção de suas indumentárias e instrumentos, tendo sido revitalizado em 2006, com os recursos do Ponto de Cultura. No entanto, o grupo limitava-se ainda a poucas atividades no ciclo junino, sendo vontade de Pai Euclides que o grupo desenvolvesse uma atividade continuada, pois o enorme grupo de crianças e jovens da Casa e da comunidade do entorno, em permanente risco social, não tem alternativas de formação e entretenimento ao longo do ano.

O Bumba Boi é um gênero que traz em si um potencial enorme de transdisciplinaridade, não só por juntar várias artes – música, dança, teatro, poesia, design – como também as diversas influências étnicas explicitadas em seus personagens e indumentárias, sua ligação com história, geografia, meio ambiente, e a imensa riqueza de sua música, na qual a complexa polirritmia da orquestra de percussão e suas características de complementaridade possibilitam uma formação técnica da maior qualidade e consistência. Esses gêneros são melodias e ritmos matrizes da nossa música urbana, arte contemporânea e atemporal que se une à religião como um caminho de duas mãos onde a arte é ferramenta e veículo para a espiritualidade, e a religião veicula e harmoniza a vocação artística, permitindo aos iniciados exercerem seus talentos de músicos, dançarinos, designers, cantores excelentes que são.

O projeto não tinha como objetivo modificar a proposta artística tradicional do grupo, mas sim propor uma investigação criativa a respeito de seu próprio gênero e seu diálogo com as outras manifestações culturais da Casa. No Maranhão, o Bumba Boi é um fenômeno sociocultural de enormes proporções, no qual centenas de grupos de todo o estado (há mais de duzentos grupos só na Ilha de São Luís) movimentam um mercado cultural que compreende o lançamento de dezenas de CDs inéditos, a montagem de centenas de arraiais, a confecção de milhares de instrumentos e dezenas de milhares de fantasias virtuosisticamente bordadas em mosaicos de miçangas e canutilhos, além de tomar a programação de quase todas as rádios e TVs locais e comprometer grande parte do orçamento dos órgãos públicos de turismo e cultura, bem como o das próprias comunidades.

Baseado num auto que tem como personagens principais *Catirina*, a mulher grávida que deseja comer a língua do boi, *Nêgo Chico*, seu marido e vaqueiro encarregado de cuidar do boi, o *Amo*, fazendeiro dono do boi e puxador das toadas, e o próprio boi, participam ainda

da trama o *médico*, os *vaqueiros*, os *caboclos de pena*, os *rajados*, a *burrinha*, a *Panducha* e o *caçador*, entre outros.

Os Bois de Encantado, como são conhecidos os que são realizados a pedido e sob a bênção de entidades espirituais que se manifestam nos terreiros maranhenses, engendram uma convivência entre os planos espiritual e terrestre, trazendo ao grupo possibilidades criativas não lineares surpreendentes e resultando num repertório lindíssimo, parte dele composto pelos próprios encantados, os quais "trazem" as toadas "do tempo" ao se manifestarem em seus filhos.

Encantados no mar, nas matas, ilhas, croas, árvores, rios, pedras e serras, formam uma outra geografia maranhense que elimina os limites do espaço físico e mítico. A Praia dos Lençóis, a Ilha dos Caranguejos e a Pedra de Itacolomi são locais de morada de encantados onde todo mundo vai passear. Transformam o tempo cronológico em "social", onde figuras das mais diferentes épocas e países se encontram e se relacionam. Vencem a morte desaparecendo "vivos" no momento do encante e suas biografias continuam em construção. Burlando conceitos como céu e terra, vida e morte, santos e pecadores, os caboclos realizam plenamente no plano espiritual a miscigenação étnica brasileira, com a naturalidade desconcertante dessa religião voltada para a ancestralidade.

Fidalgos europeus, cristãos, turcos, judeus, ciganos, índios, boiadeiros, pretos velhos, princesas, marinheiros, mães d'água, botos, caboclos mestiços vindos de toda parte, na Mina "desce todo tipo de gente". São várias linhas, nações e regiões que se interligam e inter-relacionam em inúmeras variantes. Entre as histórias ouvidas:

Rei da Turquia, o Almirante Balão ou Ferrabrás de Alexandria do *Romance do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França*, chefia uma família imensa de encantados, da qual fazem parte outros personagens dessa história, como seu cunhado Guy de Borgonha e sua irmã Floripes, a qual chefia os Borgonha, um dos três ramos da família Turquia.

"Seu" Turquia veio para o Brasil no navio encantado de seu primo D. João, o fidalgo português, após ser derrotado na guerra dos cristãos contra os mouros. No entanto, ao aportar no Outeiro da Cruz, onde o navio era visto por muitos nas festas do Terreiro do Egito, D. João zarpou deixando lá seu primo Rei da Turquia, o qual, andando pelas imediações, chegou na aldeia em festa de Caboclo Velho, Rei dos Caboclos e chefe da linha de Jurema Branca. Caboclo Velho, de família numerosa, conhecido como o primeiro a "bradar" no Tambor de Mina, convidou Seu Turquia para ficar, e este estabeleceu-se ali, tornando-se grandes amigos. Adotaram filhos um do outro, e ficaram tão ligados que os Ramos, outra das famílias turcas, são chefiados por Caboclo Velho. Vários filhos do Rei da Turquia inclusive adotaram nomes indígenas, como Juracema, guia de Pai Euclides, seu irmão Jaguarema, um anti-cristão convicto que zomba dos santos, Iracema e Ubirajara, no melhor estilo romântico indigenista.

Tabajara, outro filho de "Seu" Turquia que é o chefe dos caboclos na Casa Fanti Ashanti, lutou na Guerra do Paraguai, onde, ferido em combate, foi socorrido pela índia Bartira, com quem se casou. Bartira, por sua vez, é irmã da Cabocla Jurema, cearense, e grande amiga de

Balanço das Águas, nobre português filho do Barão de Guaré, o qual, se desentendendo com sua família, veio para o grupo dos turcos a convite dela. A terceira grande família dos turcos, os Ferrabrás, é chefiada por Douro, a francesa Joana D'Arc, filha adotiva do Rei da Turquia, (no Brasil, ela 'se vinga' da inquisição juntando-se aos mouros e 'baixando' na Mina).

Rei Sebastião, o rei português desaparecido em Alcácer-Quibir é dos encantados mais antigos da Mina. Tem seu reino encantado submerso na praia dos Lençóis, onde é visto como um touro, e acredita-se que se desencantar, 'porá abaixo o Maranhão'. Rei Surrupira do Gangá é o chefe de outra grande família de índios encantados, mais selvagens, os quais também vêm como caboclos no Tambor de Mina, mas têm um ritual bastante complexo, feito especialmente para eles: o Canjerê ou Tambor de Borá.

Todas essas histórias, e inúmeras outras, refletem a imensa teia de relações sociais da comunidade "do santo". A enorme família dos filhos, sobrinhos e netos de santo, de sangue e de afinidade, os quais, junto com os voduns e encantados que carregam, engendram uma convivência social que não só harmoniza de maneira tão complexa quanto natural os planos social e espiritual, como também permite a eles exercerem suas vocações artísticas.

A proposta do projeto era reunir esses elementos para uma experimentação estética e uma capacitação crítica e técnica dos jovens da comunidade, para que ao término do trabalho o grupo ganhasse repertório e consistência, se fortalecendo para sua continuidade. A ação final seria gravar o CD do grupo, com uma seleção das toadas historicamente mais representativas.

Além do trabalho com o grupo do Bumba Boi, o projeto previa a capacitação técnica dos membros da Casa para o uso do Kit Digital adquirido pelo Ponto, o qual era absolutamente subutilizado, e o registro de depoimentos e memórias de Pai Euclides, sacerdote chefe da Casa. A primeira dessas propostas mostrou-se inviável, já que uma primeira vista dos equipamentos atestou o enorme estrago causado pela falta de uso e acondicionamento inadequado dos mesmos. A maior parte dos microfones, cabos, câmeras de foto e vídeo, gravador, etc., estava completamente mofada, com partes derretidas e deterioradas pela umidade, e quase nada mais funcionava. Como o Ponto estava há vários meses esperando a parcela seguinte dos recursos do convênio, também não havia a possibilidade de consertá-los ou substituí-los. A segunda proposta, no entanto, se mostrou de uma riqueza tal que se tornou o centro da residência artística seguinte, o projeto Pedra da Memória, do qual trataremos adiante.

Iniciamos em abril de 2009, com uma reunião com Pai Euclides e membros da comunidade – *ogans*, *ekedis*, *yaôs*, *ebômis* – os quais, historicamente, estiveram envolvidos com as atividades do Bumba Boi da Casa, com 56 anos de criação. O projeto foi extremamente bem recebido por todos e contou com a generosa colaboração de diversos membros da casa, como a Yalorixá Kabeca (*Onsemawyi*), Mãe Pequena do Terreiro, as *ekedis* Concita (*Omodeby*) e Zezé de Iemanjá (*Aladêyi*); as *ebômis* Anunciação (*Ikarejyi*) e Belinha (*Odossã*), a *gantósi* Adriana (*Alafefun*), a *vodunsi* Reinalsi (*Alakovi*) e os *ogans* Carlos, Junior (*Olodomi*) e Diego, os quais acompanharam e participaram de diversos ensaios e oficinas.

Concita de Oxóssi, filha de Pai Euclides e artesã, foi minha principal parceira. Contratada como assistente e oficinaira, acompanhou todo o processo e acabou por assumir a continuidade do grupo após o término do projeto. Iniciamos recolhendo e inventariando todo o material do Bumba Boi que ainda havia na casa: instrumentos, indumentária, figurinos, máscaras. Grande parte estava em bom estado, mas necessitaria reforma e manutenção. Os ensaios e oficinas com o grupo de crianças foram fixados aos fins de semana, já que os diferentes períodos escolares inviabilizavam um horário comum durante a semana, e o período noturno não foi recomendado, devido ao risco social do bairro. Reservamos apenas uma noite por semana para a exibição de vídeos às quartas feiras.

O primeiro encontro/ensaio do Bumba Boi Garotos do Cruzeiro reuniu treze crianças e adolescentes de 6 a 15 anos. No segundo, já eram dezoito e, ao final do mês, o grupo tinha 31 crianças, em interesse e animação crescentes nesse bairro com pouquíssimas alternativas de educação e entretenimento. Não havia necessidade de um projeto pedagógico, um planejamento de conteúdo ou cronograma. Naturalmente, o processo estabeleceu-se, já que a linguagem do bumba boi é algo profundamente inerente a seu repertório cultural, uma espécie de ‘senso comum estético’, e a prática musical é uma tônica na vida de todos esses jovens e crianças. Desde a barriga de suas mães, participam dos festejos e, antes de falar, já estão sacudindo um maracazinho que será sucedido pelo tambor dançarino, o qual tocarão no exaustivo calendário de celebrações da Casa.

Da mesma forma, como em quase todo gênero tradicional, cada um foi encontrando seu papel, essencial sempre, onde seu talento se expressava da forma mais plena. Experimentando, com a inquietação típica dessa fase, vários instrumentos por ensaio, papéis, coreografias, cada um foi definindo seu personagem – índias, rajados, vaqueiros, Pai Francisco, Catirina, Boi, Cazumbas, Amos, cantadores, pandeireiros, matraqueiros, onceiro, numa identificação orgulhosa e nem sempre isenta de ciúmes e disputas. Despontaram também os artesãos mais talentosos e a parte da reforma das indumentárias fez tanto sucesso que decidimos construir nossos próprios figurinos e adereços.

Concita, artesã habilíssima, iniciou uma oficina de bordado. Dona Adelina, dançante da Casa, costurou as peças base em veludo – golas, saiotes, palas, perneiras, braçadeiras - e cada um começou a bordar seu figurino. A atividade foi um sucesso incrível, mesmo entre os meninos, e as crianças produziram, cada uma a seu modo, peças surpreendentes. A pedido delas, passamos a começar os ensaios mais cedo para que pudessemos aumentar o tempo dos bordados, o que sempre iniciava as atividades. Essa confecção das indumentárias tornou-se uma grande brincadeira e algumas crianças demonstram especial habilidade para o artesanato. Essa atividade também os colocava extremamente concentrados, preparando e melhorando muito o rendimento do ensaio.

Começamos tendo por base cerca de 10 toadas que Pai Euclides considerava mais significativas e que deveriam ser registradas no CD. Ele mesmo, cantor virtuoso, as ensinava às crianças, e além dele, Concita, Mãe Kabeca de Xangô, *Ebômi* Anunciação de Oxum e *Eke di Zezé* de Iemanjá acompanhavam frequentemente os ensaios e sugeriam procedimentos. Aliás, como as crianças eram, em boa parte, filhos, sobrinhos e netos de iniciados da Casa, esses ensaios de fim de semana se tornavam, às vezes, um evento social, os familiares vinham trazer as

crianças e davam sugestões, lembravam toadas antigas, ajudavam com as indumentárias. Estavam muito contentes com a reativação do grupo. Isso era importante para a comunidade, já que a não realização do brinquedo contrariava o encantado da Casa.

Às quartas feiras, fazíamos a sessão de cinema. Consegui um projetor emprestado e, com o DVD de Concita, projetamos na parede do barracão de Tambor de Mina desde vídeos como os documentários Rio do Mirinzá, sobre o Bumba Boi de Maracanã, e sete curtas sobre comunidades tradicionais, até animações como Kiriku e Wall-E. Com direito a pipoca, era um acontecimento, pois a grande maioria delas nunca tinha ido a um cinema - na época, São Luís tinha apenas 3 salas de cinema localizadas em um shopping em bairro nobre da cidade, e mesmo alguns adultos da vizinhança vinham assistir às sessões.

As crianças acompanhavam todas as atividades. Quando levei alguns instrumentos para manutenção na oficina de Mestre Pedro Piauí - excelente construtor de instrumentos de Bumba Boi residente em São José de Ribamar, vários garotos quiseram ir junto. Seu Pedro explicou a eles o processo de construção de um pandeirão e mostrou diversos instrumentos, de diferentes sotaques de Bumba Boi. Maravilhados com os instrumentos à disposição, uma pequena trupiada se formou naturalmente, cantando e tocando incentivados por mestre Pedro e seus filhos Antônio e José, os quais também entraram na brincadeira. Naturalmente, a visita seguinte, para buscar os instrumentos, foi disputadíssima.

Por vezes, propunha algumas atividades diferentes. Ensinei alguns cantos indígenas dos Kariri Xocó de Alagoas, lembrei com eles cantos em dialeto africano do Tambor de Mina e do candomblé da Casa, já que alguns acompanham os rituais desde pequenos. A partir dessas músicas, falamos um pouco sobre os contextos históricos e sociais da formação do povo brasileiro e suas relações étnicas com os diversos personagens do Bumba Boi. No entanto, na maior parte das vezes, minha função ali era quase desnecessária. Estar lá para dizer 'vamos começar', buscar os instrumentos guardados no quartinho, mediar as demandas das crianças e as sugestões dos adultos, apitar quando a bagunça se tornava dispersiva.

Já no mês seguinte, os ensaios estavam focados em preparar o grupo para o batizado do Boi e as apresentações do período junino. As crianças praticam, então, principalmente, as toadas escolhidas e as coreografias dessas. Os personagens do auto - o Boi, a Catirina, o Pai Francisco, os Cazumbas - começam então a exercitar suas coreografias individuais e ensaiar com as máscaras. Como o Boi (que recebeu um novo couro bordado) ainda não poderia ser utilizado antes de seu batizado por questões rituais, improvisamos uma estrutura de papelão para que o miolo (pessoa que fica debaixo do boneco e o manipula) pudesse ensaiar, já que o Boi ocupa sempre o centro da roda e se relaciona com os diversos personagens.

Ricardo, filho da Casa e caboclo de penas do Bumba Boi de Maracanã, começou também a trabalhar com as crianças a confecção das indumentárias de penas - cocares, saiotes, braçadeiras, e todas essas atividades correram sem nenhum acidente, apesar de as crianças manipularem objetos difíceis como agulhas e pistolas de cola quente, além das fogueiras que afinavam os pandeirões. Começaram também os preparativos para a festa do batizado: bandeirinhas para decoração, salgadinhos e bolo para a festa, preparados por Dona Lindalva de Oxóssi, confeiteira profissional e quituteira da casa.

A ansiedade e a animação das crianças era crescente ao se aproximar o grande dia: 23 de junho, véspera de São João, batizado do Boi, principal momento ritual da brincadeira. Desde a tarde, as crianças estavam eufóricas experimentando as roupas, máscaras, cocares, chapéus, as meninas apareceram com belos penteados trançados, e maquiamos todas. A festa começou às 18 horas com a ladainha para São João, puxada pela *ekedi* Zezé de Iemanjá na sala do altar católico, em frente ao qual o Boi brilhava os mosaicos de miçangas e canutilhos de seu couro novo. A casa estava cheia, filhos, convidados e os pais de algumas crianças.

Terminada a ladainha, o Boi foi batizado, com suas quadras características e a unção da água benta com ervas. Foi chamado “Meu Tesouro”. Ganhou nome e alma, Pai Euclides guarneceu o Boi e o miolo pôde tomá-lo, torná-lo. Washington, lindamente, deu vida a ele, levando o Boi lentamente do altar ao salão, ainda cambaleante como se aprendesse a andar e, após as toadas “de cativeiro”, o Guarneçê, o Lá Vai e o Chegou, começou a dançar entre os amos, índias, cazumbas e vaqueiros que tomavam o salão. Por mais de uma hora, as crianças se apresentaram no barracão de tambor de Mina, cantando e dançando as toadas que ensaiamos ao longo daqueles meses.

Surgiram convites da vizinhança, pois há muitos devotos do Santo que fazem suas ladainhas para São João, muitas vezes sincretizado aqui com o orixá Xangô. Estavam muito felizes com essa realização e, no dia 24 de junho, o Boi foi convidado a se apresentar na casa de Mãe Kabeca, a *Iyakekerê* da casa, e em seguida na casa de Dona Joana. Nos dois lugares, o grupo se apresentou na rua em frente às casas, lanchou, e voltou novamente em cortejo até a Fanti Ashanti.

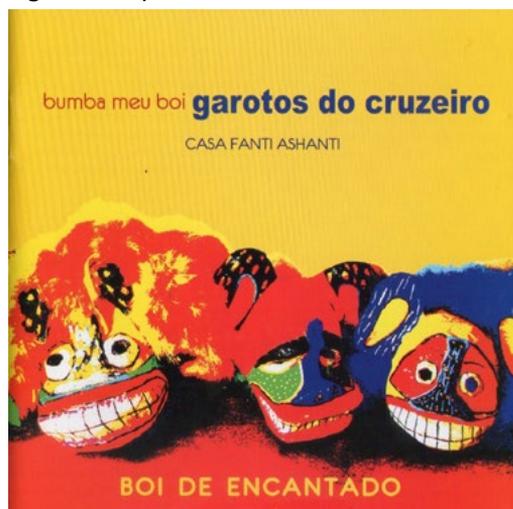
Combinamos a gravação do CD para os dias 1 e 2 de julho, finalizando os trabalhos previstos no projeto. André Magalhães, engenheiro de áudio e grande parceiro em diversas produções, veio a São Luís, trazendo o estúdio móvel para realizarmos os registros no próprio Ponto de Cultura. Durante essas duas noites, a comunidade se reuniu para realizar as gravações, nas quais procuramos obter o máximo de naturalidade. Dispondo o grupo em roda, como comumente a brincadeira acontece, e optando pelo espaço aberto, já que o som da percussão reverberaria demais no barracão, a gravação foi realizada ao vivo, sem coberturas, se desenvolvendo como uma apresentação do grupo. Pouquíssimas toadas necessitaram ser repetidas, conseguindo de imediato um excelente resultado musical, o que não surpreende quando se pensa que esse grupo é ensaiado há 56 anos. Vinte e três toadas foram gravadas e finalizadas no CD Boi de Encantado, o qual seria lançado na temporada seguinte.

Decidi estender minha estadia em São Luís em julho para acompanhar o grande festejo do Divino Espírito Santo e Oxalá na Fanti Ashanti. É a maior festa do calendário do terreiro, dura 16 dias ininterruptos, ao longo dos quais se realizam boa parte das manifestações cultivadas na Casa. Ao longo desses três meses, registrei todas as festas da Casa com minha câmera DV. Todo esse material foi devidamente duplicado e entregue ao Ponto de Cultura para compor o acervo memorial da Casa.

Como vou quase diariamente à Casa, tenho sido chamada a participar de várias atividades, tocando Caixa do Divino, fazendo comidas de orixás, aprendendo remédios de plantas, ouvindo histórias fantásticas e cotidianas. Com o mês de julho, vieram as férias escolares

e agora as crianças vinham quase que diariamente à Casa. Bastava que um deles me visse chegar e logo já se formava uma roda, cantavam alguma toada, batiam um tambor de taboca, brincadeira tradicional da Casa, a qual, às vezes, ‘ensaiávamos’ também. Esse Tambor de Taboca já havia sido conteúdo de uma oficina para as crianças em 2006, no início do Ponto de Cultura, e agora se animavam a formar um grupo. Esse Tambor de Taboca acabou se tornando a atividade predileta das crianças. Concita de Oxóssi se animou a organizar o grupo infantil do Tambor de Taboca no Ponto de Cultura, para ensaiar e se apresentar regularmente.

Figura 2: Capa do CD Boi de Encantado



Fonte: Acervo da autora

Cinco noites de toques de candomblé e Tambor de Mina encerram esse grande festejo de julho. É impressionante a capacidade de mobilização e organização dessa comunidade, bem como o contraste violento entre a pobreza cotidiana e a opulência das roupas e a fartura das comidas nesses rituais. Grande parte dos filhos do terreiro são empregadas domésticas, operários de construção civil, serventes, balconistas, têm empregos informais ou temporários e muitos estão desempregados. Muitas vezes, não têm dinheiro sequer para a condução, no entanto, se abstêm, por meses, do mínimo para celebrarem nesses dias a fartura que lhes é negada. É como se negassem a miséria, a indignidade, a feiúra, a invisibilidade de seus cotidianos, se vestindo e alimentando da nobreza que se sabem merecedores e em que se reconhecem como filhos dos grandes reis, Xangô, Oxum, Obaluaiê, seus ancestrais.

Resolvi organizar, como despedida de minha temporada, duas apresentações ‘oficiais’ do grupo de Bumba Boi Garotos do Cruzeiro. A primeira na **Casa de Nhozinho**, Museu de Cultura Popular do Estado, localizado no centro histórico de São Luís, e a segunda na sede do **Boi da Floresta**, de Mestre Apolônio Melônio, outra comunidade com quem mantenho laços há vários anos. Decidimos fazer, além do Boi, uma pequena apresentação do Tambor de Taboca na sede de Mestre Apolônio, o qual também organiza um Tambor de Crioula, para estimular esse intercâmbio.

Essas apresentações geraram uma expectativa enorme nas crianças e na comunidade em geral. Tudo era uma grande novidade, o ônibus alugado só para eles, os *flyers* de divulgação (estavam famosos!), a ida ao centro histórico, a visita ao Boi grande. Saímos à tarde com o ônibus lotadíssimo, porque, além do grupo, nos acompanharam diversas pessoas da Casa e alguns pais e avós das crianças. Algumas crianças do entorno, infelizmente, não tinham o interesse dos pais, aliás, muitas vezes, sofriam situações familiares difíceis.

Como chegamos bastante cedo à Casa de Nhozinho, aproveitamos para fazer com as crianças uma visita guiada ao museu. Maravilha e deslocamento, já que nenhuma delas havia ido a um museu. A apresentação na Casa de Nhozinho foi muito bem sucedida e teve ótimo público, o espaço era especialmente agradável, um pátio interno do casarão do século XIX, claro e espaçoso. As crianças apresentaram um crescimento artístico considerável, os pequenos cantadores estavam cada vez mais afinados e firmes na condução das toadas. Willame, o menor deles, é incrivelmente talentoso, musicalidade fácil, voz potente e timbre bonito, o qual espero que conserve após a puberdade. O cordão de índias também, da pequena Stefany, de 6 anos, a Aline, de 14, todas têm uma boa qualidade de movimentos e precisão rítmica.

Da Casa de Nhozinho seguimos para a Sede do Boi da Floresta, onde a comunidade em peso já nos esperava. Fogueira acesa, som montado, uma criançada sem fim acorada nas calçadas e Mestre Apolônio, inteiro em seus 91 anos, sentado em frente à Sede à nossa espera. Encerramos o projeto com chave de ouro. O encontro entre esses dois grandes mestres da cultura maranhense – Euclides e Apolônio – foi por demais emocionante. Cantando, falando, rendendo homenagens um ao outro, ambos se reverenciavam ao longo da apresentação do Boi, num reencontro de vida e arte. Apolônio conheceu Euclides ainda criança (é 19 anos mais velho), quando ajudou a fundar, em 1945, o Boi de Viana, o primeiro grupo de sotaque da baixada em São Luís.

Esse sotaque (diferente na música, dança, instrumentação, adereços, dos outros sotaques do estado, como o de matraca, zabumba, orquestra, costa de mão, etc.) tem ritmo, melodia e movimentação muito aparentados dos brinquedos de cura (também conhecido como pajelança ou pena e maracá, culto afro-ameríndio maranhense), a que Euclides se dedicou ao longo de sua adolescência, e segundo ele, desde criança essa musicalidade já movia sua vocação espiritual, fazendo com que fugisse de casa para acompanhar o Boi de Viana. Anos mais tarde, quando Pai Euclides fundou, em 1953, esse Boi de Encantado, a pedido de Corre Beirada, entidade espiritual que se manifesta nele, estabeleceu também o sotaque de baixada para seu boi.

Mestre Apolônio, na década de 60, ajudou também a fundar o Boi de Pindaré, o mais conhecido dos grupos desse sotaque, vivendo sua fase áurea na década de 70, com o grande cantor Coxinho. Nessa mesma década, fundou o boi Turma de São João Batista, mais conhecido como Boi da Floresta, bairro onde é sediado, à frente do qual se mantém até hoje. O Boi da Floresta é atualmente um dos dois principais conjuntos desse sotaque no estado, tendo já se apresentado por todo o Brasil, Alemanha e França.

A apresentação do grupo foi animadíssima, pontuada pelas falas de Mestre Apolônio e Pai

Euclides, o qual também cantou, e, aos poucos, a comunidade da Floresta foi se integrando, os tocadores chegaram com seus instrumentos para a fogueira, os dançarinos entraram na roda e se tornou uma grande festa entre os dois grupos. Após a despedida do Boi, fizemos uma curta apresentação do Tambor de Taboca, a qual chamou muito a atenção dos presentes pela particularidade da instrumentação. Encerradas as atividades, mais uma surpresa nos esperava. Aproveitaram nossa visita para comemorar o aniversário de Mestre Apolônio, o qual completara 91 anos no dia anterior, e cortaram um enorme bolo para todos, acompanhado de parabéns em diversos ritmos.

Figura 3: Oficina e ensaios do Bumba Boi Garotos do Cruzeiro



Fonte: Acervo da autora

Figura 4: Ensaios do Boizinho



Fonte: Acervo da autora

Figura 5: Ensaios do Boizinho

Fonte: Acervo da autora

Figura 6: Oficinas de Bordado



Fonte: Acervo da autora

Figura 7: Bordados



Fonte: Acervo da autora

Figura 8: Sessões de Cinema

Fonte: Acervo da autora

Figura 9: Visita à oficina de Mestre Pedro Piauí

Fonte: Acervo da autora

A PEDRA

Apesar da intensa experiência pessoal no trabalho com as crianças e do riquíssimo aprendizado com o cotidiano da comunidade, a parte mais fascinante desta temporada havia sido para mim a convivência estreita e as conversas quase diárias com Pai Euclides. Essas ‘entrevistas’, como ele gostava de chamar, tornaram-se cada vez mais fluentes e sua prodigiosa memória era fascinante para mim. Com ela, viajei em outros tempos e espaços, físicos e metafísicos, e me intrigou o papel da memória na criação artística.

Parece-me que os educados na tradição oral têm um compromisso pessoal e social com a memória. Esses saberes mantêm-se vivos, porque necessários ao modo de vida dessa comunidade. Cantos, danças, remédios, rituais, brinquedos, cujo conhecimento foi filtrado

qualitativamente ao longo do tempo, teriam sido apagados caso não tivessem lugar no mundo contemporâneo dessas pessoas, essa estratégia de mobilidade e adaptação é que garante a sobrevivência das culturas populares. O Bumba Boi acontece não por obrigatoriedade de manter essa tradição, mas porque as pessoas gostam de fato disso, acham belo, se divertem, se reconhecem e se expressam dessa forma numa realidade contemporânea, caso contrário tudo já teria desaparecido.

Um dos momentos mais impressionantes foi quando levei a ele o material da Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938, organizada por Mário de Andrade, quando foi diretor do Departamento de Cultura de São Paulo. Um CD-ROM com fotos e vídeos e os cadernos de anotações de campo da Missão, organizado por Oneyda Alvarenga e publicado pela Prefeitura de SP em 1948. Essas anotações consistem basicamente das fichas de identificação dos grupos e informantes (participantes das gravações), além das transcrições dos áudios. As fichas trazem dados básicos como nome, idade, cor, traje, nome dos pais, profissão, naturalidade, função e tempo no grupo desses brincantes.

Pai Euclides, apesar de ter 1 ano de idade por ocasião desses registros, teve uma relação muito direta com o Terreiro Fé em Deus, da sacerdotisa Maximiniana Silva, registrado pela Missão em 1938, pois sua tia e mãe de criação Isaura era dançante desse terreiro e, portanto, o frequentou desde bebê, tendo convivido com essas pessoas nos anos seguintes. Dos cerca de 20 informantes listados pela Missão, apenas três ele não foi capaz de reconhecer. De todos os outros, tinha uma memória viva e detalhada acerca de suas características físicas, psicológicas e espirituais, o vodum/encantado/orixá que carregava, o jeito de cantar, dançar, as preferências e habilidades, funções no terreiro, onde moravam, histórias interessantes que protagonizaram, e ainda mais sobre sua descendência, com quem casaram, quantos filhos tiveram, que destino tiveram esses descendentes, muitos deles vivos ainda hoje, com os quais Euclides mantém contato, as casas fundadas por esses filhos/netos, facilmente localizados por ele. Mais uma vez, sua assombrosa memória me surpreendeu, pois foi ainda capaz de cantarolar com precisão todas as 105 doutrinas transcritas nesses registros.

O momento de maior emoção foi quando assistimos ao vídeo do Tambor de Mina, onde reconheceu comovido sua tia Isaura dançando na roda, uma negra bem jovem com dois pequenos coques na cabeça. Apesar desse vídeo ter apenas três minutos de duração, reconheceu nele também outras pessoas descritas anteriormente. Nas fotos, reconheceu também diversas pessoas e lugares da cidade, hoje totalmente transformados.

Teceu também um precioso relato sobre Sátiro Ferreira de Barros, o sacerdote do Babassuê registrado pela Missão em Belém, o qual conheceu anos depois quando começou a frequentar, aos 11 anos de idade, o Terreiro da Turquia, por ela hoje dirigido. Sátiro e seu irmão foram iniciados nesse terreiro e, frequentemente, viajavam a São Luís para acompanhar seus rituais. Ambos abriram casas de bom renome em Belém. Sobre as outras manifestações, o Tambor de Crioula e o Carimbó, apesar de não ter conhecido os grupos registrados pela Missão, relatou várias memórias preciosas referentes a essas brincadeiras, como e onde se realizavam, suas particularidades e mudanças ao longo das décadas, os grupos mais famosos desde a década de 40, seus mestres e personagens.

Figura 10 e 11: Tambor de Mina, foto da MISSÃO DE PESQUISAS FOLCLÓRICAS 1938



Fonte: Acervo Histórico do Centro Cultural São Paulo, Discoteca Oneyda Alvarenga

Essas memórias e o desejo há muito acalentado por Pai Euclides de ir à África deram forma ao projeto seguinte, **Pedra da Memória**, o qual tinha como proposta uma nova residência artística na Casa, precedida de uma viagem ao Benin (África Ocidental), tendo como objetivo uma investigação estética entre os gêneros tradicionais cultivados no Brasil e no país africano, revelando seus vínculos e particularidades. Propondo ainda a continuidade do trabalho com as crianças e a finalização de um documentário, Pedra da Memória recebeu novamente, em 2010, o Prêmio Interações Estéticas da Funarte, dessa vez para uma residência artística mais longa, de seis meses.

O projeto promoveu um profundo diálogo entre a cultura dos dois países, ao levar a comunidades de culto vodun no Benin uma comitiva da Casa Fanti Ashanti. Ao longo de 5 semanas, Renata Amaral, Pai Euclides Talabyan, o antropólogo beninense radicado no Brasil Brice Sogbossi, a *Iyakekerê* Isabel Onsemawyi e o *Ogan* Carlos da comunidade maranhense visitaram as cidades de Cotonou, Abomey, Ketou, Porto Novo, Ouidah, Allada, Pobe e Sakete, realizando encontros e registros audiovisuais de diversas tradições como os Toques de Vodun, Zangbeto, Egungun, cerimônias Geledés, música Kudo e as tradições dos Agudás, os afro-brasileiros do Benin, descendentes de ex-escravos e trabalhadores do tráfico escravagista que retornaram ao Benin quando a escravidão foi abolida.

Além do grande material registrado na viagem - cerca de 60 horas de vídeo, 20 de áudio multipista e dez mil fotos - e do acervo pessoal de quinze anos de pesquisas de Renata em diversos estados brasileiros, foram feitos ainda novos registros no Maranhão ao longo de seis meses de residência artística na Casa.

Figura 12: Festa do Vodun. Ouidah, Benin



Fonte: Acervo da autora

Os escravos que saíam do porto de Ouidah (Benin) rumo ao novo mundo, eram levados antes à Árvore do Esquecimento, plantada pelo Rei Agadja em 1727. Em torno dessa árvore, os homens deveriam dar nove voltas e as mulheres sete, para que se esquecessem de suas origens, sua identidade cultural, suas referências geográficas. Sabiam os mercadores de escravos que a memória é arma poderosa de resistência, ferramenta de identidade e instrumento de criação. Mnemósine, deusa grega que é a personificação da Memória, não por acaso é a mãe das Musas.

Os registros sobre as contribuições dos grupos iorubás e bantos são abundantes, no entanto, apesar de ter sido o Dahomé um dos principais portos de origem do enorme contingente de escravos trazidos ao Brasil, são menos numerosos os estudos sobre a cultura gêge, especialmente sobre o enorme patrimônio cultural afro-brasileiro existente no Benin. Essas relações e memórias evidenciam-se na cultura dos Agudás, os quais hoje representam 10% da população do Benin.

A influência brasileira lá é surpreendente e pouco conhecida. Na época da abolição da escravatura, muitos escravos libertos, em geral pequenos comerciantes e artesões, voltaram do Brasil para o Benin, formando uma elite local que dominou o comércio e a construção civil do Dahomé (atual Benin) por toda a primeira metade do século XX. A arquitetura de toda a costa do país e até o Togo tem clara influência colonial portuguesa. O Brasil está presente na arquitetura, culinária, língua e diversos outros aspectos culturais. Cultivando, até hoje, com impressionante dedicação, as tradições de seus antepassados como o Carnaval, a Festa do Senhor do Bonfim e a Burrinha (aparentada ao bumba boi), os Agudás se consideram brasileiros e invertem desconcertantemente nossa noção de ancestralidade.

É difícil não se emocionar ao vê-los empunhar o estandarte de Bonfim e uma grande bandeira brasileira e sair em cortejo pelas ruas dançando num gingado muito familiar, desfilando melodias dolentes ou brejeiras que ecoam centenárias na memória de nossos cocos, sambas de roda, maracatus, carimbós, reisados e folias. Na vocação mestiça que também levaram daqui, versos conhecidos como: “Sambar, sambar, eu vou pra Bahia sambar”, “Já mandei cair, já mandei cair meu sobrado”, “Pandeiro furou, pandeiro furou” são misturados ao iorubá, o fon e o gun, criando uma nova sonoridade de palavras que acreditam brasileiras, como acontece com o iorubá e o quimbundo de nossos terreiros, ou o latim de nossas rezadeiras.

A Burrinha, um espetáculo à parte, traz dezenas de personagens muito aparentados de nosso Bumba Boi e nossos Reisados, figuras gigantes como os bonecos de Olinda ou São Luís do Paraitinga, ou personagens dançarinos e mascarados de figuras tão díspares quanto Jacques Chirac, Michael Jackson ou Pavarotti, os quais se sucedem ao nosso conhecido Boi, a Burrinha e o bêbado Guriabá. Outros que foram e voltaram, como o orangotango e a avestruz, a qual nos ficou como Jaraguá, se encontram com leões e rinocerontes das savanas de lá, nos desconcertando com essa identidade tão familiar, recriada há mais de um século.

Entre os quase um milhão de escravos saídos do porto de Ouidah entre os séculos XVII a XIX, estava a rainha Nã Agotimé, vendida como escrava quando seu enteado Adandoza assumiu o trono do reino do Dahomé, após a morte do rei Agongolo. Agotimé chegou a São

Luís e fundou, na década de 1840, a Casa das Minas Gêge, a qual, junto à Casa de Nagô, deu origem aos mais de três mil terreiros de Tambor de Mina existentes hoje no Maranhão. Outro aspecto que relaciona as duas culturas é o fato de que em Cururupu funcionou um dos últimos portos clandestinos de chegada de escravos no Brasil, o qual, mesmo após a proibição do tráfico escravagista, continuou funcionando até o início do século XX. Essa influência evidencia-se de forma bem clara nos traços físicos e culturais dos dois povos.

Figura 13: Coletividade Agudá de Porto Novo, Benin



Fonte: Acervo da autora

Numa religião ligada à ancestralidade, a memória é o cerne desse conhecimento. Não só pela necessidade de reter uma quantidade enorme de informações sobre a cosmogonia, suas manifestações e inúmeros procedimentos, mas porque esse conhecimento está a serviço do culto de ancestrais divinizados, os quais atravessam milênios e oceanos para se comunicarem com seus descendentes. As culturas orais filtram qualitativamente, através do tempo, seus saberes e fazeres, esculpidos pela memória de seus guardiões. Esse aprendizado traz um outro comprometimento com a memória e desenvolve mecanismos eficientes que guardam arquivos inteiros e os correlacionam, ao invés dos “links” que aprendemos a reter na alfabetização. As diversas entidades que tomam o corpo dos iniciados em transe, também marcam em sua memória corporal um vasto repertório artístico que se revela e se recria nas brincadeiras profanas, fornecendo ferramentas outras para a criação e o improviso.

Figura 14: Menino. Abomey, Benin



Fonte: Acervo da autora

Figura 15 e 16: Cerimônia Vodun, Coletividade Kpengla. Abomey, Benin



Fonte: Acervo da autora

Pedra da Memória é fruto da memória prodigiosa de Pai Euclides, através da qual a história das religiões afro-brasileiras no Maranhão pode ser reconstruída de forma luminosa, além das transformações de suas brincadeiras populares e a geografia particular da Ilha de São Luís ao longo de sua ocupação. Essa memória não só o liga à presença milenar das entidades que retornam em seu corpo/altar para fundamentar seu conhecimento e recriar sua religião em constante movimento, como se conecta, em cadeia, à memória de suas matriarcas, cujos relatos remontam ao século XIX. Falando sobre Mãe Rosalina (1870-1971), da casa de Nagô, por exemplo: *“durante suas conversas era como se o tempo falasse por sua boca... através de sua língua ancestral, como por um encanto de palavras que se materializavam em fios, tramas e agulhas, ia tecendo de forma bem urdida a memória de seu povo. Próximo ao advento da abolição, São Luís era puro matagal, a cidade estava em construção. Africanos de várias procedências trabalhavam no levantamento de prédios e casas, na abertura e pavimentação de ruas e ladeiras. Outros eram vendedores ambulantes e doceiros.”* Um cenário que lembra os arredores de algumas cidades beninenses que visitamos.

Figura 17: Sakete, Benin



Fonte: Acervo da autora

Pai Euclides é um sacerdote internacionalmente conhecido, mas, apesar de seu prestígio, sua voz, sua imagem já terem atravessado o oceano, nunca teve a oportunidade de fazê-lo. Aos 72 anos, 67 deles dedicados ao culto dos voduns, viajou pela primeira vez à África refazendo a trajetória de seus antepassados. Essa memória é pedra fundamental da construção de nossa identidade brasileira. Foram emocionantes também seus encontros com as coletividades de culto vodun Avimadjenon, em Ouidah, e Adjahou, em Abomey, ambas conhecidas dele através do documentário *Atlântico Negro: Na Rota dos Orixás* (1998), de Renato Barbieri.

A temporada que se seguiu manteve as atividades da residência anterior, sendo que, dessa vez, tive como parceira a editora Diana Gandra, a qual veio a São Luís para a finalização do documentário. Durante a semana fazíamos a decupagem do enorme material, elaborando um roteiro mais uma vez conduzido pela memória de Pai Euclides e, nos fins de semana, voltava aos ensaios com as crianças. Como desde o término da residência anterior, de julho de 2009 até a minha volta, em abril de 2010, Concita e Diogo haviam assumido o trabalho com as crianças, mantive uma postura de ‘apoio logístico’, acompanhando os ensaios com pouca interferência.

A viagem teve enorme repercussão na comunidade e a curiosidade acerca da viagem ao Benin era enorme. A África está presente não só no imaginário de todos, mas, concretamente, nas vivências cotidianas dessa comunidade afro-religiosa. Além dos rituais e divindades, o que comem, vestem, falam, cantam, tocam, dançam está plenamente impregnado de africanidade, e essa viagem foi a realização de um sonho para alguns deles. Com a presença de Pai Euclides e Mãe Kabeca, fizemos uma exibição comentada para a comunidade de uma primeira seleção do material fotográfico registrado durante a viagem. Ao longo da temporada, fizemos outras sessões de exibição de fotos e vídeos de cerimônias registrados no Benin.

Figura 18: Cerimônia Geledé. Sakete, Benin



Fonte: Acervo da autora

Figura 19: Terecô. Quilombo Santo Antônio dos Pretos, Codó, Maranhão.



Fonte: Acervo da autora

No mês de junho, fizemos algumas viagens ao interior para registrar festejos do ciclo junino. Visitamos quilombos, como Santa Rosa dos Pretos e Santo Antônio dos Pretos, e cidades do interior como Codó, Itapecuru Mirim, Matinha, Viana e Pirapemas, registrando uma enorme quantidade de material, além das gravações em São Luís, acompanhando o calendário da casa e de outros grupos como o Bumba Boi de Maracanã e de Seu Apolônio.

Novamente, na véspera de São João, o Bumba Boi Garotos do Cruzeiro batizou seu Boi de Encantado e se apresentou na casa da *Yakekerê* Kabeca. Agora a grande expectativa era o lançamento do CD, o qual já estava em fábrica. Trouxemos do Benin alguns tecidos africanos muito bonitos, com os quais fizemos saias e um novo figurino para o Tambor de Taboca, o qual as meninas aguardavam ansiosamente estrear no dia do lançamento.

Figura 20 e 21: Capa do livro e DVD PEDRA DA MEMÓRIA



Fonte: Acervo da autora

Gravamos em julho, após os grandes festejos da Fanti Ashanti, um encontro de mestres: Mestre Humberto de Maracanã (73 anos), Mestre Apolônio (94 anos) e Pai Euclides (75 anos). Três dos principais guardiões da cultura tradicional do Maranhão, grandes admiradores entre si e donos de memória invejável. Mais de três horas de conversa animada sobre os Bumba Bois, terreiros, brincadeiras populares e o modo de vida da São Luís do século passado. Registro emocionante que se tornou um curta documentário – Três Pedras.

A enorme quantidade de material a ser decupado, transcrito, editado, finalizado, fez com que o lançamento fosse adiado para agosto. A qualidade das fotos e textos rendeu também a ideia de uma exposição fotográfica e de um livro de memórias de Pai Euclides.

O dia 13 de agosto de 2010 marcou o encerramento desse ciclo, com o lançamento do CD Boi de Encantado, a inauguração da exposição fotográfica, a exibição do documentário Pedra da Memória e as apresentações do Bumba Boi Garotos do Cruzeiro e do Tambor de Taboca Veneradores de São Benedito. O evento teve enorme repercussão, seiscentas pessoas lotaram o pátio do Museu, assistindo concentradamente ao filme – o qual tem uma hora de

duração - sentados no chão e aplaudindo emocionadamente as apresentações das crianças, a qual foi mesmo incrivelmente bonita. Ao longo desse ano, ganharam qualidade técnica e artística, segurança e entrosamento, recebendo inclusive um convite para se apresentarem no aniversário da Fundação Palmares na semana seguinte. Agora, firmam-se também como grupo mirim de Tambor de Crioula de Taboca, com figurinos e adereços novos, repertório e coreografias ensaiados e totalmente realizados por eles, os quais cantam, dançam e tocam.

O documentário recebeu o prêmio de melhor filme/vídeo no Festival Guarnicê 2011 e as várias ações do projeto foram selecionadas em editais públicos de patrocínio como o da Caixa Cultural, do ProAc – Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura de São Paulo e da CHESF Eletrobrás, e, em novembro de 2012, foram lançados, em São Paulo (Museu AfroBrasil,) e em São Luís (Casa de Nhozinho), os produtos finalizados com exposições fotográficas, exibições do documentário e rodas de conversa. Pudemos trazer, com esses apoios, o vodunnon beninense Avimadjenon Ahouandjinou a São Paulo e São Luís para esses encontros, e sua visita à comunidade Fanti Ashanti foi um acontecimento emocionante.

Figura 22: Sacerdotes Euclides Talabyan (MA) e Avimadjenon Ahouandjinou (Ouidah, Benin) no lançamento do projeto em São Paulo - Museu AfroBrasil – Autoria: Diana Gandra



Fonte: Acervo da autora

Figura 23: Roda de conversas no lançamento do projeto em São Luís - Casa de Nhozinho, com os sacerdotes Euclides Talabyan (MA) e Avimadjenon Ahouandjinou (Ouidah, Benin), o Professor Dr. Brice Sogbossi e Renata Amaral - Autoria: Diana Gandra



Fonte: Acervo da autora

Pedra da Memória teve como objetivo fazer o caminho inverso da *Árvore do Esquecimento*, fomentando os re-conhecimentos.

REFERÊNCIAS

CD Boi de Encantado – Casa Fanti Ashanti – 2010
Funarte e Ponto de Cultura Fanti Ashanti.
Produção Maracá Cultura Brasileira

DVD Pedra da Memória – 2012 – Patrocínio CHESF e ProAc SP
Direção e Roteiro - Renata Amaral
Edição e Montagem – Diana Gandra
Edição de Áudio – André Magalhães
Finalização – Fogo Filmes
Produção - Maracá Cultura Brasileira

Livro Pedra da Memória: Euclides Talabyan, minha universidade é o tempo.
Renata Amaral, 2012, Patrocínio CHESF e ProAc SP, Produção Maracá Cultura Brasileira

Os CDs, livro e DVD documentário estão disponíveis no site www.maraca.art.br/pedradamemoria ou pelo e-mail maraca6@gmail.com.

**Renata
Amaral**

Musicista e pesquisadora, formada em Composição e Regência pela UNESP, se apresenta com grupos como A Barca, Tião Carvalho, Ponto br, Orquestra Popular do Recife e outros. Dirige a Maracá Cultura Brasileira, tendo produzido 27 CDs, 10 documentários e publicações sobre tradições populares que receberam diversos prêmios.